

PROGRAMAÇÃO

DIA 19/04

OS MONSTROS DE BABALOO

Ficção, 35 mm, 120 minutos, 1970.

Produção e Direção: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Fotografia: Renato Laclate.

Assistência de fotografia e still: Marco Bottino.

Figurinos: Helio Eichbauer.

Montagem: Geraldo Veloso.

Assistência de produção: João Batista Ferreira.

Elenco: Wilza Carla, Helena Inês, Betty Faria, Tania Scher, Zezé Macedo, Kasuo Kon, Jackson de Castro, Cleber Santos, D. Yolanda, Badu.

Sinopse:

Uma aventura burlesca acontecida na misteriosa ilha de Babaloo, que envolve a trágica família do Dr. Badu, industrial de punhos de ferro, rei do quiabo e do jiló da região.

No ano dos acontecimentos extraordinários que se seguem, Babaloo, paraíso deste maravilhoso país, é dominada por Madame Baganville (Wilza Carla), Boneca sua (Helena Inês), Gardênia, amante do magnífico Dr. Badu (Betty Faria), e a Divina (Tânia Scher). Frinéria (Zezé Macedo), a empregadinha do palacete, super-sexy, venenosíssima, vive para vocês a história incrível desses carrapetas.

Permanentemente num delírio fantástico, os monstros passam semanas inteiras em jardins e gramados de Babaloo.

DIA 20/04

O LOBISOMEM – O TERROR DA MEIA NOITE

Ficção, 35 mm, 100 minutos, 1972¹.

Produção: Elyseu Visconti Cavalleiro Produções Cinematográficas.

Direção: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Argumento e Roteiro: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Diálogos: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Fotografia e Câmara: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Pesquisa Musical: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Montagem: Mair Tavares.

Assistente de produção: Neville D’Almeida.

Estúdio de Som: (dublagem e mixagem) Atlântida Cinematográfica.

Laboratório: Rex Filmes.

Cor: Eastmancolor.

Bitola: 35 mm.

Elenco: Wilson Grey, Suzana de Moraes, Jacira Silva, Jack de Castro, Paulo Vilaça, André Valli e as meninas: Martha, Daniela e Marise.

Sinopse:

O filme trata dos fatos que envolvem um lobisOMEM da floresta tropical, que tem o seu covil entre palmeiras, jaquetas frondosas e orquídeas. De lá, comanda a sua gangue e procura se sobrepor aos espíritos das matas, entre os quais destaca-se Satanás, que se revela no interior de grutas pré-históricas, como um homem da caverna.

Entre orgias com mulheres lindíssimas, os gritos de pássaros exóticos, sambas carnavalescos e chorinhos de Pixinguinha compõem o som tropical que, ecoando entre as árvores úmidas, jorra com o sangue das vítimas.

DIA 21/04

SELEÇÃO DE CURTAS E 1 LONGA

Após sua participação no grupo da BelAir e no chamado Cinema de Invenção, Elyseu inicia a carreira de documentarista etnográfico, muito influenciado pela leitura do sociólogo Gilberto Freyre (1900-1987). Desta lavra destacam-se obras como Ticumbi (1978) e Feira da Campina

¹ De acordo com o documento do MIS da Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo, o filme é do ano de 1972. De acordo com o Banco de Dados da Cinemateca Brasileira, o filme é de 1974.

Grande (1979), além das parcerias com o folclorista Câmara Cascudo (1898-1986) em curtas como Boi Calemba (1979) e Pastoril (1982).

Seu filme Ticumbi (1978), e seus trabalhos em vídeo O Palhaço na Folia de Reis (1998) e Coroação do Rei do Congo (2002), por exemplo, se distinguem pelo registro documentarista e objetivo da cultura popular, com um toque cerimonioso, de quem documenta um fenômeno que acredita estar a ponto de se perder no tempo, entretanto, resiste. E é esta a resistência que Visconti nos mostra um outro Brasil, para além da alegoria de Babaloo. Hoje, tão pulsante para questões de entendimento do percurso étnico e sua preservação, como para abalar percepções negacionistas, de reparação.

TICUMBI

Documentário, colorido, 35 mm, 10 minutos, som direto, 1975².

Produção e Direção: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Câmara e Fotografia: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Direção de produção: Folcloristas Hermógenes da Fonseca e Rogério Medeiros.

Som Direto: Tecnisom (César).

Montagem: Rubens Amorim.

Assistente-Geral: Ana Teresa Lemos Ramos.

Laboratório: Líder-Rio.

Sinopse:

Registro da festa de Ticumbi como se apresenta na cidade de Conceição da Barra, Espírito Santo, executada pelos remanescentes do quilombo local, notável pela pureza étnica. A festa do Ticumbi é a dramatização da disputa entre o Rei Congo e Rei Bamba e suas respectivas cortes. São 16 personagens e um violeiro, que dançam e cantam ao som de vigorosos pandeiros de influência árabe. O Ticumbi é festejado durante a passagem do ano e reúne assistência dos povoados vizinhos, que se desloca de barco, cavalo ou mesmo a pé. A participação na dança é vitalícia e regida por hierarquia no quilombo. Cada personagem só é substituída por invalidez ou morte, geralmente por seu filho ou parente próximo.

O filme inclui: entrada, volta do corpo de baile, corrida de contra-guia, despacho dos secretários, guerra declarada, guerra travada, batizado do Rei Bamba por Rei Congo, empire de Rei Bamba por Rei Congo, empire, versos do corpo de baile, ticumbi, roda grande, marcha de saída e chulata.

CHICO TABIBUIA – ALMA DOURADA

Documentário, 28'43 minutos, 1998.

Direção, fotografia, câmera e produção: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Narração e texto: Professor Paulo Pardal.

Montagem: Aruanã Visconti Cavalleiro.

Música: Naná Vasconcellos, Guilherme Vaz, Cantos Gregorianos.

Assistente geral: Denise Santos Cavalleiro.

Sinopse:

O documentário debruça-se sobre o trabalho em talhe e escultura em madeira do artista plástico Chico Tabibuia. Com grande riqueza e criatividade, consiste no primeiro trabalho de Tabibuia, realizado quando esse ainda possuía 12 anos. A obra do artista apresenta-se como uma forte mistura entre arte e religiosidade, em que homens, mulheres, animais e entidades místicas conversam. Chico Tabibuia define seu trabalho como uma comunicação entre o mundo material e o espiritual.

ELYSEU VISCONTI – EM BUSCA DE UMA ATMOSFERA - 52 minutos

Documentário 2004

Produção, direção, câmera e fotografia: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Elyseu Visconti Cavalleiro, cineasta, neto do artista, realiza sob sua direção, montagem, edição e fotografia o filme “Em Busca de Uma Atmosfera”, curta metragem a cores em vídeo, cujo tema central é sobre a fase impressionista da obra de Visconti, com patrocínio da Rio Filmes e da prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

² De acordo com o documentos do MIS da Secretaria da Cultura do Estado de SP, o filme é de 1975. De acordo com catálogo da FUNARTE de 1982, o filme é de 1977.

DIA 22/04
SELEÇÃO DE CURTAS

FOLIA DO DIVINO

Documentário, preto e branco, 35mm, 10 minutos, sonoro, 1968.

Produção e Direção: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Fotografia: L. F. Graça Mello.

Montagem: Manuel de Oliveira.

Direção Musical: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Pesquisa: Ana Teresa Lemos Ramos.

Texto: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Laboratório: Líder Cine Laboratório.

Sinopse:

Foi rodado na cidade de São José de Mossâmedes, no Estado de Goiás, e registra a tradição do culto ao Divino Espírito Santo, instituído em Portugal, no século XVI, pela rainha Isabel, culto que veio para o Brasil por intermédio dos colonos de Açores. Atualmente, ao cerimonial de coroação do Imperador, préstito e procissão, foram acrescentadas danças e canções profanas, que lhe deram caráter popular.

Essa tradição, que há mais de duzentos anos vem sendo mantida no Brasil, encontra-se em declínio, e o filme teve a felicidade de registrar uma das derradeiras folias, a cavalo, do país. A folia apresenta-se com características do padrão econômico e cultural da região.

O filme inclui farto material de pesquisa musical realizada no local, como catiras, folias e demais cantos e danças folclóricas típicas.

MARACATU: ESTRELA DA TARDE

Documentário, colorido, 35mm, 10 minutos, sonoro, Recife, 1978.

Fotografia, câmara e direção: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Montagem: Rubens Amorim.

Som Direto: Tecnisom

Assistência: Antônio Quaresma.

Texto: Francisco Pereira Junior.

Narração: Jorge Ramos.

Laboratório: Líder Cinematográfica – Rio.

Sinopse:

O Maracatu é uma dança folclórica de origem afro-brasileira, típica do estado de Pernambuco. Surgiu em meados do século XVIII, a partir da miscigenação musical das culturas portuguesa, indígena e africana.

A origem dos Maracatus nos cortejos reais, ligados às coroações dos Reis de Congos, como um auto popular com teatro, canto, música e dança, encobrendo sua essência religiosa, mantida no interior dos pejis das mães de santo, rainhas dos maracatus.

Existem dois tipos de maracatus: o Maracatu Rural, também conhecido como maracatu de baque solto e o Maracatu Nação, também conhecido como maracatu de baque virado.

Ambos são manifestações culturais complexas, distintas entre si, com saberes, modos e ofícios próprios. Sua gênese territorial, sendo o primeiro mais urbano e o segundo mais rural, é fundamentada pela literatura folclorista e acadêmica sobre o tema, segundo a qual o maracatu rural é um desdobramento do maracatu nação, ambos resultados de arranjos históricos coloniais de resistência à escravidão.

O filme mostra a dança, as pessoas, a preparação. Acompanha e registra a festa criando um repertório de imagens etnográficas para estudos folcloristas.

FEIRA DE CAMPINA GRANDE

Documentário, 35mm, 10 minutos, 1979.

Fotografia, câmara e direção: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Montagem: Rubens Amorim.

Som Direto: Pietro La Câmera.

Assistência: Antônio Quaresma.

Texto: Francisco Pereira Junior.

Narração: Jorge Ramos.

Laboratório: Líder Cinematográfica – Rio.

Sinopse:

A cidade de Campina Grande nasceu da feira que tem representado o principal motor de propulsão econômica da vasta região que tem Campina Grande como centro e se estende até os confins de Pernambuco e do Ceará. Situada nas bordas orientais do planalto da Borborema, a grande campina verdejante dos fins do século XVII começou por servir de pouso aos boiadeiros que se dirigiam ao litoral. Situada numa região propícia à cultura da mandioca, logo surgiram as primeiras grandes casas de farinha que vieram definir o povoado como um centro comercial da mandioca, na sua primeira fase. A vila prosperou e, no início do século XIX, passou a receber um maior fluxo comercial, com a transferência para a vila de uma grande feira de gado, que a levará à sua segunda fase, a do gado.

A cada dia, Campina Grande foi-se afirmando como cidade-mercado, a sua influência já atingia todo o interior da região, ao mesmo tempo em que se transformava na Porta Oriental do Sertão da Paraíba e, também, do Rio Grande do Norte e mesmo do Ceará.

Com a chegada do trem em 1907, se inicia o terceiro ciclo econômico da cidade, o do algodão. Por volta de 1936, a feira de algodão de Campina Grande era a terceira praça do mundo, e a cidade já contava, nessa época, com alguns estabelecimentos de crédito, que realizavam as grandes transações financeiras para qualquer parte do globo.

Os polos antagônicos, sertão e litoral, sempre se fizeram presentes em Campina Grande, fazendo da cidade um verdadeiro, termômetro dos acontecimentos da natureza e da sociedade. Não é de se estranhar que tenha sido, na feira, que se verificaram os principais acontecimentos históricos que, em Campina Grande, nasceram ou tiveram apoio da população. Assim aconteceu com a Revolução de 1817, a revolução do Equador e a Praieira. Essas revoluções, que geralmente tinham cunho patriótico, guardavam, no seu íntimo, as revoltas contra as opressões dos impostos de além-mar e, depois, do Império. Era na feira que se exercia a tirania.

Foi aqui que irrompeu a Revolta do Quebra-Quilos, em 1874. Movimento eminentemente popular, a revolta se espalhou rapidamente por toda a região paraibana e se alastrou pelas vizinhas, chegando até Alagoas, quando se pôs em execução a lei do sistema métrico decimal, que não sendo compreendida pela população, fez explodir o barril de pólvora. Daí o nome Quebra-Quilos.

Com o passar dos anos, a feira de Campina Grande foi-se transformando de feira rústica de cereais em feira diversificada de outros produtos, tornando-se a principal fonte de abastecimento das outras, passando a ser a “feira das feiras”. Para ele convergem produtos típicos do Brejo, do Sertão, do Cariri e do Agreste, e sua abrangência comercial atraía aventureiros que, na cidade, vinham fazer fortuna.

As dezenas de estradas abertas à cidade praticamente existem em função da feira. Aqui nasceu o espírito inventivo do povo campinense, que começou a projetar um largo artesanato de couro, madeira e metal, ainda hoje existente, inclusive com aproveitamento do lixo industrial. Participar da feira é descobrir todo um depositário de valores culturais, e o folclore está sempre presente em cada parte: na voz dos cantadores, nos conjuntos de forró, no canto das ceguinhas que contam histórias de princesas ou fábulas mirabolantes.

A feira é, conseqüentemente, um grande centro de comunicação, onde o arquivo das informações de cultura regional é a memória coletiva.

CAVALO-MARINHO DA PARAÍBA

Documentário rodado na cidade de Bayeux, Estado da Paraíba, 35mm, 15 minutos³, 1979.

Produção, direção, câmera e fotografia: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Texto: Luís da Câmara Cascudo.

Narração: Suzana de Moraes.

Assistência: Antônio Quaresma.

Montagem: Rubens Amorim.

Som direto: Pietro La Camera.

Títulos: Leonardo Visconti Cavalleiro.

Supervisão: Tentente Lucena.

³ De acordo com o documento do MIS, o filme possui 10 minutos. De acordo com o documento da FUNARTE, o filme possui 15 minutos.

Laboratório: Líder Cinematográfica – Rio.

Som: Tecnisom.

Sinopse:

O cavalo-marino é um dos mais tradicionais autos de Natal conservados pelo povo do Norte e Nordeste do Brasil. Continua ambientado pela assistência mais humilde, competente nos aplausos, seguindo o grupo para contemplar o espetáculo secular. Irradiou-se das zonas açucareiras e pastoris para o extremo Norte. Foi a forma que tivemos da Península Ibérica, o boi amedrontador dos meninos inquietos. A mais antiga menção é do mal-humorado registro do padre Lopes Gama, n' *O Carapuço*, janeiro de 1840, no Recife.

“Todo divertimento cifra-se em o dono de toda esta súcia de se fazer dançar ao som de violas, pandeiros e de uma infernal berraria, o tal bêbado Mateus, a Burrinha, a Caipora e Boi que, com efeito, é animal muito ligeirinho, trêfego e bailarino”.

Segue atraindo outros elementos, ampliando a área de função seduzindo as atenções populares, alistando-se como uma homenagem e festa de Natal. Depois, por volta de 1910, apareceu a negra Catarina, faladeira, desbocada e respondona.

O auto de Natal que vemos na cidade de Bayeux, na Paraíba, preenchendo para o povo as horas longas de espera da missa do galo, é uma rara sobrevivência dessa forma primitiva, que mais tarde, em outros lugares, viria a se denominar bumba-meu-boi.

Até certo ponto, funciona como as antigas revistas de costumes, sacudindo o teatro nas gargalhadas comunicantes. Nenhum outro auto popular possui como o cavalo-marinho a vocação satirizante, incontida, lógica, realizada no meio da mais pobre das assistências compreensivas. O auto finda, como no século XVI, por uma dança geral, em que todas as personagens voltam ao público para a farândola terminal.

DIA 23/04

SELEÇÃO DE CURTAS

O folclore do Rio de Janeiro tem muita influência indígena, religiosa e africana. As tradições da cultura carioca contam com mitos, lendas, danças e manifestações populares.

O folclore carioca também é muito preservado na cidade histórica de Paraty. Por lá, as cirandas populares acontecem nas vilas de pescadores e contam com as danças Flor do Mar, Chiba Cateretê e Caranguejo.

MARRA-PAIÁ

Documentário, 35 mm, colorido, 25 minutos, sonoro, 1999.

Rodado em Paraty

Produção e Direção: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Marra-paiá: Em Paraty, chama-se marra-paiá o Grupo de Moçambique, certamente em consequência da associação com os guizos ou “paiás”, atados com cintas de couro às pernas dos dançadores. É velho costume da cidade a vinda desses grupos de dançarinos de Cunha para as festas do Divino e de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. O moçambique é originário de uma dança de escravos, em louvação a São Benedito, considerado um paradigma de humildade e dedicação ao trabalho. Os “paiás” são acessórios formados por um conjunto de três ou quatro guizos de bronze, cada um com um timbre. Cada grupo possui um estandarte benzido pelo padre. No pano é pintada a effigie de São Benedito e é escrito o nome da Confraria ou da Companhia. Cada grupo tem, além do rei e da rainha, um mestre e um contramestre — que cantam de improviso — o capitão-geral e o diretor. Uma Companhia é geralmente composta de 40 integrantes, contando com dois sanfoneiros, dois cavaquinhos, dois violeiros-pares e um pandeiro. A Companhia também é chamada de “congada moçambique”, folguedo de origem afro-brasileira, com resíduos da cultura negra de Angola e do Congo. É uma reminiscência da antiga coroação dos “Reis do Congo”, no Brasil, e consta de coreografias de manobras guerreiras, sendo que, no Moçambique, destaca-se o uso de bastões que se entrechocam e que, em outras vezes, são colocados no chão, formando desenhos sobre os quais os moçambiqueiros dançam. Sua ocorrência coincide com as festas do Divino.

PARATY – ARQUITETURA COLONIAL

Documentário, vídeo, colorido, 17 minutos, sonoro.

Produção, direção, fotografia, câmera: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Edição: Fernando Oliveira

Assistente Geral: Denise Santos Cavalleiro

Assistente de Edição: Ricardo Brasil

Músicas: Baden Powell, Conjuntos Regionais de Paraty, Ely Camargo Gustavo Holst

Sinopse: O Brasil ainda tem importantes pontos de preservação da arquitetura colonial. Paraty, Patrimônio Nacional, situada no litoral Sul do Estado do Rio de Janeiro, é um excelente exemplo desse estilo arquitetônico, sendo considerada como o conjunto arquitetônico colonial mais harmonioso do país, segundo a UNESCO.

As construções dividem-se em casas térreas (casarões) e sobrados, alguns deles usados como armazéns, sem janelas no primeiro piso. Uma das características dessa típica arquitetura dos séculos 17, 18 e 19 são as casas feitas de pau-a-pique, taipa, adobe e cal, pintadas de azul e branco, com beirais largos, muitas delas com desenhos geométricos em relevo na fachada (resquícios da influência da maçonaria na cultura local).

A maioria dos imóveis foi construída 30 cm acima do nível mais alto atingido pelo mar, para evitar inundações, no entanto, tem sido necessário reformar algumas casas, incluindo degraus internos ou pisos mais altos para reduzir as recentes enchentes. As ruas tem aclive central para escoamento das águas.

PARATY NOTURNO

Documentário, vídeo, colorido, 10 minutos, sonoro,.

Produção, direção, fotografia, câmera: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Edição: Fernando Oliveira

Assistente Geral: Denise Santos Cavalleiro

Assistente de Edição: Ricardo Brasil

Músicas:

Homenagem a Oswald Goeldi

Sinopse: Aqui o cineasta trás um pouco da atmosfera noturna na cidade, se tornando observador. À noite, Paraty consegue ser ainda mais charmosa e encantadora. As luzes do Centro Histórico dão um ar de tempos passados à cidade e transformam o passeio noturno em um dos melhores momentos para os turistas. É irresistível aproveitar os deliciosos restaurantes, sentar-se às mesas na calçada e apreciar a vida passar calmamente, ou não. A noite em Paraty pode ser tão agitada quanto o dia, pois os casarões das ruas de pedra ganham uma iluminação mais bucólica e concentram espaços onde as pessoas se reúnem, dançam e ouvem música. Muitas festas e procissões costumam também acontecer ao cair da tarde e à noite como procissões pelas ruas do centro histórico até a igreja matriz.

SÃO BENEDITO - O SANTO PRETO DE PARATY

Documentário, 35 mm, colorido, 08 minutos, sonoro, 2003.

Produção, direção, fotografia, câmera: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Edição: Fernando Oliveira

Assistente Geral: Denise Santos Cavalleiro

Músicas: Conjuntos Regionais de Paraty, Ely Camargo e Cantigas do Povo

In Memoriam Rogério Sganzerla

A festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito será nos dias 08 a 17 de novembro, no Centro Histórico de Paraty com missas, procissões, apresentações de danças folclóricas de origem africana e outras manifestações religiosas e da cultura popular, mantendo uma tradição que remonta ao século XVIII.

As peças que integram essa festa são dos séculos XVIII e XIX e pertencem à Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios, sendo parte do acervo do Museu de Arte Sacra.

Padroeiros dos escravos, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, em Paraty, tem sua festa realizada no final do mês de novembro. Os festejos se desenvolvem à semelhança dos da Festa do Divino, sendo tradição que "a Festa do Rosário era a Festa do Divino dos pretos de Paraty".

Hoje realizada sem discriminação racial e preservada em suas principais partes, encontramos nesta festa um Rei e uma Rainha, uma Folia para angariar donativos, o mastro com as efigies de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, erguidos ao lado de sua igreja, a ladainha com as procissões noturnas das bandeiras. Estas são brancas, trazendo a imagem de São Benedito em uma face e a de Nossa Senhora do Rosário em outra. A igreja é enfeitada nas cores branco e azul.

No domingo da festa há missa solene, com a presença do Rei e da Rainha vestidos à caráter, que chegam à igreja com a procissão das bandeiras, trazendo nas mãos coroa e cetro. É costume, após a missa, haver distribuição de doces para o povo, memória do tempo em que "escravo só comia doce na Festa de São Benedito".

À tarde realiza-se procissão realiza-se procissão, com os andores de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, comparecendo crianças vestidas de anjos e São Beneditinhos, em cumprimento de promessa. O Rei e a Rainha seguem dentro de um "quadro" à moda dos imperadores do Divino, acompanhados das associações religiosas, banda de música e povo devoto. Quermesse com leilão de prendas encerra a noite e os festejos.

(FONTE: Paraty para ti - Guia Cultural, de Thereza e Tom Maia - Editora Atiliano - 2000)

FESTA DO DIVINO – PARATY

Documentário, 16 mm, colorido, 16 minutos, sonoro.

Produção, direção, fotografia, câmera: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Edição: Fernando Oliveira

Assistente Geral: Denise Santos Cavalleiro

Durante a Festa do Divino em Paraty, o Centro Histórico e seus arredores se transformam para receber fiéis e turistas mesclando devoção e entretenimento, religião e cultura.

A Festa é um símbolo da relação que se estabelece com o Divino e também a ocasião de confraternização de variados grupos sociais onde todos participam, seja nos atos litúrgicos associados às figuras do festeiro e do Imperador, seja nos divertimentos, garantindo assim a identidade, individual e coletiva, através de uma memória comum, herdada e transmitida.

A Festa do Divino é atribuída à Rainha Isabel (1271-1336). Chegou ao Brasil trazida pelos colonizadores e acontece em Paraty desde o século XVIII.

Realizada no dia de Pentecostes (50 dias após a Páscoa), homenageia à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Pelas suas enormes proporções, envolvendo praticamente toda a comunidade, começa a ser organizada um ano antes de sua realização: escolhido pela Paróquia, um "festeiro" administra dezenas de voluntários – às vezes mais de um para cada atividade, seja religiosa ou profana.

DIA 24/04

SELEÇÃO DE CURTAS

BOM JESUS DA LAPA, SALVADOR DOS HUMILDES

Documentário, 16 mm, colorido, 10 minutos, sonoro, 1969.

Rodado em Bom Jesus da Lapa – Estado da Bahia.

Produção e Direção: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Pesquisa: Ana Teresa Lemos Ramos.

Montagem: Rogério Esganzeria.

Texto: Ipojuca Pontes.

Narração: Talulah Abramo.

Fotografia: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Direção Musical: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Laboratório: Rex Filmes.

Créditos: Leonardo Visconti Cavalleiro.

Sinopse:

Focaliza a grande romaria realizada anualmente às margens do rio São Francisco, na Bahia, em veneração ao milagroso Bom Jesus da Lapa. Reúne os aspectos folclóricos, religiosos e econômicos do acontecimento e é um documento expressivo da cultura popular, incluindo literatura de cordel, músicas folclóricas, ex-votos, artesanato e a grande feira realizada paralelamente às rezas, ladainhas e grandiosa procissão.

São três dias de folguedos, em que cerca de 400 milromeiros vão reverenciar seu Bom Jesus milagroso, rezar e desobrigar-se de seus votos e promessas.

BOI CALEMBA

Documentário, 35mm, 10 minutos, 1979.

Produção, direção, fotografia, câmera: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Pesquisa de campo e texto: Luís da Câmara Cascudo.

Narração: Suzana de Moraes.

Som direto: Pietto La Camera.

Títulos: Leonardo Visconti Cavalleiro.

Laboratório: Líder Cinematográfica Rio.

Som: Tecnisom.

Sinopse:

Este filme foi rodado em São Gonçalo do Amarante, na Ribeira do Potengi. O grupo que interpreta as cantigas é do mestre Pedro Guajiru. São 12 digurantes, acompanhados de rabeça, cavaquinha e pandeiro. O bumba-meu-boi, boi-calembra, boi-bumbá ou simplesmente boi é um auto popular formado no Norte do Brasil, da Bahia para cima, pela reunião de vários reisados tradicionais, ao redor da dança do boi, possível reminiscência das tourinhas de Portugal.

Era um arremedo grotesco das touradas cavalheirescas. Festas em honra ao boi existiam ou existem em todas as regiões pastoris do mundo. Porém nelas não havia cantiga nem dança, o boi dançarino é *copyright* brasileiro.

O boi-calemba é trabalho mestiço, imaginação, malícia congênita do mulato. Nele está o brasileiro em alegria, sátira, sentimentalismo, piedade, justiça e arbítrio, samba e oração. O motivo central é extremamente simples: o amo confiou o boi a um vaqueiro e este o matou. Antes e depois do sacrifício, intervêm animais, monstros, figuras dançando, uma sucessão de cenas sem maior ligação com o assunto central.

Ao redor deste tema, gravitam as pequeninas cenas da vida pastoril, danças, ciúmes de escravos, o curioso que vinha curar o boi, as figuras do mundo ambiente, diabo gigantes, bichos fabulosos da fauna ameríndia.

Morto o animal, tendo antes dançado e espalhado a gente, aplicam remédios e fazem promessas e oferecimentos para restituir-lhe a vida. Algumas vezes ocorre esse episódio, voltando o boi a viver e dançar.

Noutras regiões, fazem a partilha, original e cômica, das víceras, peça por peça, em verso, destinando-as aos figurantes do auto ou a pessoas estranhas, mais conhecidas pelo auditório.

GUERREIRO

Documentário (Eastmancolor), 35mm, 10 minutos, som direto, Cajueiro, Alagoas, 1981.

Produção, direção, fotografia e câmera: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Pesquisa de campo: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Texto: Professor Théo Brandão.

Som direto: Jorge Saldanha.

Laboratório: Líder Cinematográfica – Rio.

Narração: Maria Gladis.

Sinopse:

O auto dos guerreiros ou simplesmente guerreiro é um folguedo nascido na década de 1930, em Alagoas, pela mistura do reisado com o auto do cabocolinhos. Reúne assim influências da Península Ibérica, negras e ameríndias. Como o reisado, é um festejo natalino, onde o esplendor fica por conta da riqueza do vestuário, imitação dos antigos trajes nobres da colônia, a que o espírito popular mestiço engalanou com fitas, espelhos, contas de aljôfar, enfeites de árvore de Natal, reverberação de mil brilhos sob o sol e as estrelas do sertão, sob os coqueiros e cajueiros de Alagoas. Mas o característico do guerreiro são os episódios que não se encontram no reisado, oriundos e imitados do cabocolinos e dos pastoris. No guerreiro do Zé Pequeno, em Cajueiro, são os episódios da Estrela no Norte, da Estrela Brilhante e do cabocolinhos, figuras que vêm ao centro, entre os cordões, e dançam e cantam as suas “partes”. A “parte” do índio Peri, que substitui a guerra dos reisados, baseia-se no tema universal das danças dramáticas do Brasil e do estrangeiro: prisão e, às vezes, morte de um guerreiro inimigo que tenta entrar no país. No final, tal como acontece em outros autos, o índio é solto e termina a sua “parte” a dançar entre seus ex-inimigos. Então, chega o fim do folguedo. A troupe prepara-se para a retirada e canta as despedidas:

“Ô que saudade quando o guerreiro partiu

Quando segui dessa zona ispicia

Eu vou deixá tanta morena bonita

Que meu coração parpita mas eu não posso levá”.

PASTORIL

Documentário, 35mm, 7 minutos, 1982.

Produção, direção, câmera e fotografia: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Montagem: Rubem Amorim.

Som direto: Pietro La Camera.

Texto: Luís da Câmara Cascudo.

Supervisão: Tenente Lucena.

Mixagem: Hélio Barroso.

Narração: Maria Gladis.

Sinopse:

Presépios e pastoris são elementos vitais, típicos e inarredáveis nas festas do Natal nordestino. Dizia-se “dançar lapinha”, e eram bailes pastoris que se espalharam por todo o Brasil. Este, em São Gonçalo do Amarante, no Rio Grande do Norte, guardou a excelência no exercício requereado de saudar a Deus.

Outrora possuíam elementos básicos, idênticos, correlatos. Hoje modificam-se ao sabor das predileções locais e sucessivas, impulso de novidades, projeção de modelos longínquos imposta pela voz das emissoras, televisão, revistas ilustradas, cinema, sugestão de viajados, de reação estética e de ânsia remodeladora.

Os pastoris dividem-se em duas facções: o cordão azul e o cordão encarnado. Com sua mestra e contramestra, cada cordão possui seus admiradores fervorosos, intransigentes, abnegados, intolerantes até a violência, com simpatias, namoros e chamegos. Dançam nos tablados públicos, manejando os maracás e os quadris, e há até o compadre para os efeitos cômicos e pilhérias quentes, e representam para o povo e não para o Menino-Deus como antigamente.

O PALHAÇO NA FOLIA DE REIS (1998)

Documentário,

Produção, direção, fotografia, câmera: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Pesquisa de campo e texto:

Narração:

Som direto:

Títulos:

Laboratório:

Som:

Sinopse: A brincadeira do palhaço é apenas uma parte das atividades realizadas por uma Folia de Reis. A visitação às casas de devotos envolve sequência ritualizada de ações, como chegada, entrada na casa, distribuição de bênçãos, refeição, apresentação dos palhaços, ofertas, agradecimentos e despedida.

Os “Palhaços” da Folia de Reis representam os soldados do Rei Herodes, por isso usam “máscara” e “porrete”, simbolizando o terror que os soldados despertavam no povo. No entanto alguns soldados ao invés de matar os meninos, começaram a pular e a cantar para distrair os outros soldados, assim os Reis Magos passaram sem serem percebidos, salvando o menino Jesus.

COROÇÃO DO REI DO CONGO (2002),

Documentário,

Produção, direção, fotografia, câmera: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Pesquisa de campo e texto:

Narração:

Som direto:

Títulos:

Laboratório:

Som:

Sinopse: O Congado ou festa da Coroação do Rei do Congo é uma manifestação cultural que existe desde o período colonial em várias partes do Brasil, de norte a sul do país. Tal festa tinha uma grande participação de escravos que faziam uma representação dos reinos existentes na África sincretizados com cultos religiosos católicos europeus.

Diz a lenda que Galanga, nome verdadeiro de Chico Rei, era o monarca de sua tribo no Congo, e foi capturado com toda sua gente. Batizado, recebeu o nome de Francisco e durante a travessia para a

colônia da América Portuguesa, o Brasil, houve uma grande tempestade. Os marinheiros, com medo que o navio virasse, jogaram ao mar a esposa e a filha de Chico, para que as águas se acalmassem. Quando chegaram aqui, em 1740, Chico e seu filho foram comprados e levados para a região das minas, a Vila Rica, atual Ouro Preto. Desta maneira, Chico se põe trabalhar dia após dia e reúne uma grande quantidade de metal, o suficiente para comprar sua alforria, a do filho e a de mais de 200 escravos.

Os escravos que foram libertos por ele passaram a tratá-lo como rei, ao mesmo tempo que se levantava a igreja de Santa Efigênia. Todos os anos, antes da missa dedicada a Nossa Senhora do Rosário, no dia 7 de outubro, acontecia o cortejo onde se cantava, dançava e se honrava Chico Rei. A dança representa a coroação do rei do Congo, acompanhado de um cortejo denominado terno ou guarda. Para cada terno existe um líder, o "capitão". Igualmente, as lutas entre os mouros e cristãos, ou pagãos e batizados são apresentadas em forma de coreografias. Estes, ficam perfilados de frente e "combatem" entre si com varas, com seus golpes marcam o compasso da música e da festa.

25/04

SELEÇÃO REPRISE

15H00 - ELYSEU VISCONTI - EM BUSCA DE UMA ATMOSFERA - 58 minutos

Documentário 2004

Produção, direção, câmera e fotografia: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Elyseu Visconti Cavalleiro, cineasta, neto do artista, realiza sob sua direção, montagem, edição e fotografia o filme "Em Busca de Uma Atmosfera", curta metragem a cores em vídeo, cujo tema central é sobre a fase impressionista da obra de Visconti, com patrocínio da Rio Filmes e da prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

18H00 - OS MONSTROS DE BABALOO

Ficção, 35 mm, 120 minutos, 1970.

Produção e Direção: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Fotografia: Renato Laclate.

Assistência de fotografia e stil: Marco Bottino.

Figurinos: Helio Eichbauer.

Montagem: Geraldo Veloso.

Assistência de produção: João Batista Ferreira.

Elenco: Wilza Carla, Helena Inês, Betty Faria, Tania Scher, Zezé Macedo, Kasuo Kon, Jackson de Castro, Cleber Santos, D. Yolanda, Badu.

Sinopse:

Uma aventura burlesca acontecida na misteriosa ilha de Babaloo, que envolve a trágica família do Dr. Badu, industrial de punhos de ferro, rei do quiabo e do jiló da região.

No ano dos acontecimentos extraordinários que se seguem, Babaloo, paraíso deste maravilhoso país, é dominada por Madame Baganville (Wilza Carla), Boneca sua (Helena Inês), Gardênia, amante do magnífico Dr. Badu (Betty Faria), e a Divina (Tânia Scher). Frinéria (Zezé Macedo), a empregadinha do palacete, super-sexy, venenosíssima, vive para vocês a história incrível desses carrapetas.

Permanentemente num delírio fantástico, os monstros passam semanas inteiras em jardins e gramados de Babaloo.

21H00 - O LOBISOMEM - O TERROR DA MEIA NOITE

Ficção, 35 mm, 100 minutos, 1972⁴.

Produção: Elyseu Visconti Cavalleiro Produções Cinematograficas.

Direção: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Argumento e Roteiro: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Diálogos: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Fotografia e Câmara: Elyseu Visconti Cavalleiro.

Pesquisa Musical: Elyseu Visconti Cavalleiro.

⁴ De acordo com o documento do MIS da Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo, o filme é do ano de 1972. De acordo com o Banco de Dados da Cinemateca Brasileira, o filme é de 1974.

Montagem: Mair Tavares.

Assistente de produção: Neville D'Almeida.

Estúdio de Som: (dublagem e mixagem) Atlântida Cinematográfica.

Laboratório: Rex Filmes.

Cor: Eastmancolor.

Bitola: 35 mm.

Elenco: Wilson Grey, Suzana de Moraes, Jacira Silva, Jack de Castro, Paulo Vilaça, André Valli e as meninas: Martha, Daniela e Marise.

Sinopse:

O filme trata dos fatos que envolvem um lobisomem da floresta tropical, que tem o seu covil entre palmeiras, jaquetas frondosas e orquídeas. De lá, comanda a sua gangue e procura se sobrepor aos espíritos das matas, entre os quais destaca-se Satanás, que se revela no interior de grutas pré-históricas, como um homem da caverna.

Entre orgias com mulheres lindíssimas, os gritos de pássaros exóticos, sambas carnavalescos e chorinhos de Pixinguinha compõem o som tropical que, ecoando entre as árvores úmidas, jorra com o sangue das vítimas.